



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
Faculdade de Direito e Relações Internacionais
Curso de Relações Internacionais – FADIR

Thaysa Zeni de Araújo

O boom de exportações de commodities – Caso Copacol

Dourados – MS
Novembro – 2015

THAYSA ZENI DE ARAÚJO

O boom de exportações de commodities – Caso Copacol

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal da Grande Dourados, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, sob a orientação do Prof. Dr. Marcio Augusto Scherma.

Dourados

Novembro – 2015



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao décimo segundo dia do mês de novembro de 2015, compareceu para defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, a aluna **THAYSA ZENI DE ARAÚJO** tendo como título "*O boom de exportações de commodities - o caso Copacol*".

Constituíram a Banca Examinadora os professores Dr. Márcio Augusto Scherma (orientador), Dra. Lisandra Pereira Lamoso (examinador) e o Dra. Adriana Kirchof de Brum (examinador).

Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, o trabalho foi considerado APROVADO.

Por nada mais terem a declarar, assinam a presente Ata.

Observações: _____

Assinaturas:


Dr. Márcio Augusto Scherma
Orientador


Dra. Lisandra Pereira Lamoso
Examinadora


Dra. Adriana Kirchof de Brum
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, a família e amigos que tenho e por manter em mim a força para correr atrás dos meus objetivos e concretiza-los.

Agradeço a minha família pela educação que me deram e por me darem referenciais para a formação do meu caráter. Devo ao meu pai, Atair Balbino de Araújo, os ensinamentos de como ser uma cidadã de bem, e correr atrás dos meus sonhos, sempre me incentivando nos meus estudos. A minha mãe, Margarida Zeni de Araújo, que me sustenta em orações, que me ensinou a manter a paciência em momentos difíceis, a tratar o próximo como a nós mesmos e por me aconselhar em todos os momentos de minha vida. A minha irmã, Myllena Zeni de Araújo, sempre ao meu lado, espero servir de exemplo e guia-la no seu futuro. É com muito orgulho que hoje sou quem sou devido aos momentos que passamos juntos. Por fim, agradeço a todos os meus familiares que de alguma forma são referências para com meu modo de enxergar e viver a vida.

Parabenizo a Universidade Federal da Grande Dourados pela importância no Estado do Mato Grosso do Sul e por ser um referencial no Estado, ao dispor de ótimo e competente corpo docente e servidores, sou grandemente grato por fazer parte dessa instituição.

Ao professor Dr^o. Márcio Augusto Scherma, por ter aceitado o convite de me orientar no presente trabalho e por estar sempre disposto a auxiliar e guiar seus discentes.

À banca, professora Dr^a. Adriana Kirchof de Brum, e a professora Dr^a. Lisanda Pereira Lamoso, as quais sempre tive muito apreço e orgulho, por representar as mulheres na academia com tamanha inteligência, carisma e elegância. Os ensinamento que adquiri sempre me acompanharam.

As minhas amigas de infância e que sempre estarão comigo mesmo que separadas por vários quilômetros, Daiane Mara Fontana, Maria Bárbara Giroto de Souza e Maria Olívia Pozzolo Pedro.

A Paula Ribczuk, a irmã que a graduação me deu, com quem tive o prazer de morar por quatro anos e meio, compartilhar momentos indescritíveis em nossa estada na Itália, nos apoiando nos momentos de saudades de nossos familiares e aventuras pelo mundo a fora.

As minhas meninas Isadora Nogueira, Kendra Moreschi, Julia Stefanello, Larissa Sangalli, Letícia Borges Possamai, Maêssa Barros, Mariane Teló, Samara Sartor, Sarah Eustáquio e Thalita Paim, que compartilharam comigo todos os momentos sejam eles tristes ou alegres, me ouviram, me aconselharam e aturaram, com muito carinho e compreensão e que com certeza farão muita falta na minha vida.

Sou grata a todas as experiências vividas durante esses quatro anos, que contribuíram para meu crescimento acadêmico e principalmente pessoal.

RESUMO

ARAÚJO, Thaysa Zeni. **O boom de exportações de commodities – caso Copacol.** Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2015.

A exportação é um dos fatores de competitividade mais visados na atualidade. No final dos anos 1990, o boom gerado pela demanda de produtos de baixo valor agregado teve um papel estratégico para o agronegócio nacional, principalmente no setor avícola. Este trabalho tem por objetivo analisar e discutir o proveito gerado pelo boom de *commodities* na COPACOL, mais especificamente no que se refere ao setor de frangos na unidade de Cafelândia – Paraná. O trabalho foi realizado sob o método histórico qualitativo.

Palavras-chave: Exportação, *Commodities*, Copacol.

ABSTRACT

ARAÚJO, Thaysa Zeni. **The boom in commodity exports - case Copacol.** Federal University of Grande Dourados, Dourados, 2015.

Exporting is one of the most targeted competitive factors today. In the late 1990s, the boom generated by the demand for lower-priced products had a strategic role to agribusiness, especially in the poultry sector. This work aims to analyze and discuss the profit generated by the commodities boom in COPACOL, specifically in regard to poultry sector in Cafelândia unit – Paraná. The work was conducted under the qualitative historical method.

Keywords: Export, *Commodities*, Copacol.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABPA	Associação Brasileira de Proteína Animal
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
EUA	Estados Unidos da América
FAO	Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação
FHC	Fernando Henrique Cardoso
FMI	Fundo Monetário Internacional
LULA	Luís Inácio Lula da Silva
GATT	Acordo Geral de Tarifas e Comercio
IBAS	Fórum de Diálogo Índia, Brasil, África do Sul
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
OMC	Organização Mundial do Comércio
PIB	Produto Interno Bruto
PROEX	Programa de Financiamento às Exportações
SEAB/DERAL	Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná/Departamento de Economia Rural
UNCTAD	Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 TRANSFORMAÇÕES NA ECONOMIA MUNDIAL NO PÓS-GUERRA....	9
2.1 Fim da Guerra Fria.....	9
2.2 Regimes Políticos Pós Guerra Fria e Instituições.....	11
2.3 Boom das Commodities e o Potente Mercado Asiático.....	14
3 AVICULTURA.....	18
3.1 Desenvolvimento da Avicultura no Mundo.....	18
3.2 Desenvolvimento da Avicultura no Brasil.....	22
3.3 Desenvolvimento da Avicultura no Estado do Paraná.....	27
4 ESTUDO DE CASO: COPACOL.....	31
4.1 Histórico.....	31
4.2 Análise de Dados.....	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
6 REFERÊNCIAS.....	46

1. INTRODUÇÃO

A carne de frango brasileira é um item muito importante na pauta das exportações brasileiras. Desde os anos 1980 o setor de carnes na esfera agroalimentar brasileira cresce regularmente, fazendo o país um dos principais players mundiais na exportação de commodities, sobretudo do setor avícola. A competitividade entre as empresas aumentou, conseqüentemente a concorrência entre elas e seus produtos. Portanto a internacionalização surge como uma estratégia de sobrevivência e uma alternativa de inserção no contexto global. Para usufruir das potencialidades deste mercado, as empresas do setor de carnes buscam superar barreiras fitossanitárias e comerciais.

O setor avícola brasileiro se destaca pelo seu alto nível tecnológico e por ser uma fonte geradora de empregos e renda para a sociedade brasileira. Sua eficácia, aliada com a alta produtividade nacional, tornam possível o domínio do mercado internacional deste setor, no qual a carne de frango é um dos principais produtos na lista dos exportados pelo país (ZAMUDIO, 2010).

A região Sul do Brasil, juntamente com o estado de São Paulo, reúne os maiores produtores nacionais de carne de frango; tornando-se símbolo do crescimento e da modernização do agronegócio brasileiro. Partindo do desejo de aumentar a competitividade, as empresas buscam novos mercados, através da internacionalização, procurando recursos mais econômicos e estabelecer relações mais próximas com seus parceiros (COELHO, 2011).

Desde os anos 1990, quando as exportações de matérias-primas de baixo valor agregado aumentaram significativamente, países produtores de produtos alimentícios, petróleo, metais, produtos químicos entre outros, se beneficiaram do boom de preços das commodities e aumento expressivo da sua demanda, garantindo assim, um crescimento acima da média em suas exportações, como no caso do Brasil.

O trabalho visa ressaltar os efeitos que o boom de exportações de commodities trouxe para a economia mundial, analisado por vários âmbitos: o mundial, nacional, estadual e de um estudo de caso específico: Cooperativa Agroindustrial Consolata - Copacol, que além de ser a cooperativa que mais emprega no Paraná, também contribui para a sustentação de mais de 80% da

economia regional, segundo a Revista Copacol, edição maio/junho 2015, número 71.

O trabalho foi realizado sob o método histórico qualitativa de pesquisa. Os dados de exportação foram extraídos da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), disponibilizados em www.mdic.gov.br. Alguns dados foram extraídos do site da Organização Mundial de Comércio (OMC), disponíveis em www.wto.org juntamente com dados disponibilizados pela Cooperativa Agroindustrial Consolata a fim de auxiliar na interpretação da evolução das exportações de commodities, em especial, a carne de frango.

2. TRANSFORMAÇÕES NA ECONOMIA MUNDIAL NO PÓS-GUERRA FRIA E A INSERÇÃO DO BRASIL

2.1 FIM DA GUERRA FRIA

O fim da Guerra Fria é um marco de destaque no cenário internacional, pois assinalou alterações importantes na política mundial. Contudo este marco não deve ser interpretado como um simples episódio e sim como parte de um grande processo de transformação, que sinaliza o instante que o mundo passa a viver em uma nova era. O problema central é a discussão e interpretação da ordem internacional, se está se tornando unipolar, mantendo a hegemonia norte-americana, ou multipolar, baseada nos estados ou unidades supranacionais.

O termo Nova Ordem Internacional, foi utilizado para explicar as rápidas mudanças ocorridas no cenário internacional no início dos anos 1990. Porém esta Nova Ordem também acarretou sinais de uma “desordem”, como cita Hobsbawm (1995, p.251)

“O fim da guerra fria retirou de repente os esteios que sustentavam a estrutura internacional e, em medida ainda não avaliada, as estruturas dos sistemas políticos internos mundiais. E o que restou foi um mundo em desordem e o colapso parcial, porque nada havia para substituí-los. A ideia, alimentada por pouco tempo pelos porta-vozes americanos, de que a velha ordem bipolar podia ser substituída por uma “nova ordem” baseada na única superpotência restante, logo se mostrou irrealista. Não poderia haver retorno ao mundo de antes da Guerra Fria”.

Neste novo mundo pós Guerra Fria, somado a globalização, a tendência é uma maior liberalização do comércio, que acarretou na formação dos blocos econômicos, que possuem como objetivo facilitar o comércio entre os países membros, criando soluções comuns para problemas comerciais, como a isenção ou a redução de impostos ou tarifas alfandegárias. Os arranjos regionais são dependentes das possibilidades e desejos de projeção de bases político-estratégicas visando participar do novo arranjo internacional. Portanto a regionalização não é somente uma forma de defesa comercial e resultado de processos econômicos, mas também uma ferramenta fundamental para a definição da estrutura internacional de poder.

Podemos expor algumas conclusões sobre a ordem internacional no pós Guerra Fria. Uma das principais discussões gira em torno das relações internacionais, que neste período, pendiam entre o otimismo liberal¹ e o pessimismo². No momento em que o otimismo liberal destacava o triunfo dos Estados Unidos e do mundo ocidental sobre a ameaça comunista, o pessimismo demarcava os riscos e inconstâncias vindos do descongelamento da ordem mundial. Posteriormente as interpretações pessimistas floresceram e influenciaram a política externa brasileira dos anos 1990.

Outro acontecimento relevante foi a fragilidade dos países latino americanos que economicamente e politicamente não conseguiam acompanhar os países que se industrializavam rapidamente, como China, Singapura, Coréia do Sul e Taiwan. Isso resultou em uma fragmentação da estrutura mundial existente, colocando em questionamento o ordenamento mundial. A partir daí, a tendência é um reordenamento dos grupos de países por interesses comuns.

Em suma, o fim da Guerra Fria trouxe uma transformação sistêmica, com a crise e a reestruturação do sistema internacional, possibilitou a concepção de uma nova geometria do poder mundial, que ainda não está definida e finalizada.

Para Costa (2015), a capacidade de fazer parte de uma nova hegemonia está diretamente ligada à capacidade de um país reconstruir a ordem internacional em novas bases, oferecendo uma saída nesta era de incertezas, valorizando sua capacidade de produção e comercialização internacional. Assim sendo o sistema internacional nos últimos anos é marcado pela construção de um mundo multipolar. Nye (2002) analisa a nova dinâmica hegemônica mundial com a metáfora do jogo de xadrez tridimensional. Para ele no tabuleiro de cima estão os Estados Unidos, que representam o poderio militar; o tabuleiro do meio é constituído pelos Estados Unidos, Europa, Japão e China, representando o poderio econômico. Por fim, o tabuleiro inferior é o reino das múltiplas relações internacionais, as quais representam as

¹FUKUYAMA, Francis, “Fim da História” (1992)

²HUNTINGTON, Samuel, “Choque das Civilizações” (1996)

organizações da sociedade civil, as empresas, pacifistas, terroristas, e outras forças complexas razoavelmente autônomas. É neste tabuleiro, que operam os instrumentos de poder, como a tecnologia da informação. Nye expõe que participando desse jogo tridimensional, a potência hegemônica deve se atentar com atenção ao segundo e ao terceiro tabuleiro, para garantia de sua hegemonia.

2.2 REGIMES POLÍTICOS PÓS-GUERRA FRIA E AS INSTITUIÇÕES

Na América Latina, entre 1979 e 1990, vários países viveram transições democráticas. A queda dos regimes autoritários foi única em cada país, mas em termos gerais pode-se alegar que o processo de redemocratização latino-americano foi marcado por muitos conflitos e negociações, e em sua grande maioria processos longos e repletos de tensões. E mesmo com a queda desses regimes, muitas leis continuaram em vigor durante muitos anos. No Brasil, por exemplo, as eleições diretas para presidente só ocorreram em 1989, mesmo o regime militar tendo acabado em 1985.

Outro fator relevante foram as crises que os países latino-americanos sofreram nesse período, derivadas da dependência externa, e o processo inflacionário que atingiu os países latinos a partir dos anos 80. Os anos 1980 ficaram conhecidos como a “década perdida”, já que muitos países tiveram crescimento negativo de seu PIB, hiperinflação e crescimento da dívida externa durante esse período.

O pensamento neoliberal transformou a política dos anos 1990, por meio de novas lideranças e coalizões. O Consenso de Washington buscou acelerar o desenvolvimento sem prejudicar a distribuição de renda, as principais premissas do Consenso, destacam a reforma fiscal e tributária, privatização de empresas estatais, abertura comercial e econômica dos países e uma disciplina fiscal, para a redução dos gastos do Estado. Mesmo com receio, o Brasil aplicou as medidas.

O Consenso de Washington passou a ser visto como modelo base para a execução dos pensamentos neoliberais na América Latina, que consentiu pela pressão estadunidense e por instituições como o FMI e o Banco Mundial.

A redemocratização foi marcante, pois foi o impulso real para uma integração regional. Enfim, convém lembrar o processo da bacia da Prata, que de certo modo esboça um amadurecimento político, pois os países latino-americanos estavam em uma defensiva econômica e no fim de seus governos militares, começaram então uma política de aproximação. Desde 1979, com a assinatura do acordo de Itaipu, Brasil e Argentina trocaram a velha rivalidade pela cooperação, que ficou mais evidenciada com a posição do Brasil na Guerra das Malvinas. Uma das prioridades da diplomacia brasileira foi o MERCOSUL, que era considerado instrumento de aumento da participação econômica da região no mercado global. Em março de 1991, foi criado o MERCOSUL, através do Tratado de Assunção, firmado entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Desde então, o MERCOSUL está funcionando, com tarifa zero para alguns produtos (VIGEVANI; CEPALUNI, 2007).

Porem desde a criação do MERCOSUL, nenhum outro acordo comercial de tamanha abrangência foi firmado. Com dificuldade, o Brasil caminha pelos acordos regionais; os interesses brasileiros baseiam-se no acesso para mercados e regras para produtos agrícolas e simultaneamente resiste a negociar regras em áreas como propriedade intelectual e serviços, que já estão sendo incorporadas pelos países industrializados na grande maioria dos acordos regionais atuais.

Diante desse panorama internacional, a política exterior do Brasil não se adaptou de modo simples. A abertura do mercado brasileiro, nos anos 1990, criou um novo desafio para o comércio exterior, essa abertura forçava uma modernização do sistema produtivo e uma elevação na sua competitividade externa. A globalização dilatada pelo fim da Guerra Fria instigou o empenho do Brasil em prol da integração regional, visando também uma inserção da economia brasileira nos grandes fluxos globais de comércio, de investimentos, de tecnologia. Essa entrada nos fluxos globais impulsionou o Brasil a uma

competição mundial, abrindo novos mercados para os produtos nos quais o país apresenta vantagens.

O neoliberalismo guiou as políticas públicas internas e externas, e inspirou as delegações do Brasil nas negociações do GATT e da OMC, perante temas de comércio de serviços, sistema multilateral de comércio, propriedade intelectual e investimentos. Fernando Collor de Mello na abertura da Assembleia Geral da ONU em 1991 expressou: “O ideário liberal venceu... Essa é uma observação que faço da perspectiva de um país que optou por uma plataforma liberal”. (CERVO, 2011, p.496)

O Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT) foi oriundo de uma série de acordos de comércio internacional propostos a gerar uma redução de obstáculos às trocas entre as nações, em suas tarifas e taxas aduaneiras entre os membros do acordo. O objetivo inicial era a criação da Organização Internacional de Comércio (OMC), que surgiria só em 1995, contudo decorrente dos insucessos das convenções, nascia o GATT. O principal culpado por esse insucesso foram os Estados Unidos, que não possuíam interesse em criar uma organização que atrapalhasse de alguma forma o fluxo comercial internacional que contribuía a sua economia, obtendo resultados positivos constantes (OMC, 1995, p. 10).

A OMC havia sido planejada para funcionar em conjunto com o Banco Mundial e o FMI. Enquanto os países não chegavam a um consenso, o GATT foi planejado. Em 1947, no âmbito da reunião das Nações Unidas por um total de 23 países, entre eles o Brasil.

Posteriormente, várias “rodadas” ocorreram para uniformizar as normas do comércio internacional. Destacaram-se, a "Rodada Kennedy" (1964-1967); a "Rodada Tóquio" (1973-1979) e a "Rodada Uruguai" (1986-1993). A Rodada Uruguai, assinada por 117 países e armada para reduzir os obstáculos ao comércio mundial, transformando o sistema mais independente, foi um marco para os produtos agrícolas e serviços em geral incluídos nos debates. Em 1994, a Organização Mundial do Comércio (OMC) foi instituída substituindo o GATT (INOCALLA, 2013).

A OMC sempre teve papel relevante nos governos FHC e Lula. Enquanto FHC focou no diálogo, Lula institucionalizou formando alianças, como o G-20 e do IBAS (VIGEVANI; CEPALUNI, 2007).

A criação da OMC foi possível, pois os Estado Unidos, após a Guerra Fria, emergem como única potência no cenário internacional, pois os países em desenvolvimento resolveram deixar em aberto as questões mais contraditórias. Decorrente dessa influência estadunidense foram impostos suas vontades e desejos para a sua criação. A OMC surgiu com os propósitos de administrar os acordos multilaterais e plurilaterais de comércio sobre bens, serviços e direitos de propriedade intelectual comercial. Além de servir de fórum para a resolução de problemas comerciais, serve de palco para novas questões para as negociações. A OMC também é responsável por administrar as políticas comerciais dos países e trabalhar em conjunto ao Banco Mundial e ao FMI.

A OMC garante o acesso simétrico entre os países nos processos de adesão, nas rodadas de negociações comerciais e nas soluções de contestações, e uma base institucional parecida ao FMI e ao Banco Mundial para as comercializações internacionais.

2.3 BOOM DAS COMMODITIES E O POTENTE MERCADO ASÍATICO

No final da década de 1990, o papel estratégico desempenhado pelo agronegócio no boom exportador mundial foi alavancado pela exportação de matérias-primas agropecuárias e de baixo valor agregado, como produtos alimentícios, petróleo, metais, produtos químicos entre outros. Este desempenho corresponderia a uma nova inserção do Brasil no mercado internacional. Conduzida pelo acelerado crescimento da economia chinesa e o aumento da demanda de mercados emergentes que a expansão do mercado mundial de commodities foi a grande responsável pelo notável crescimento do comércio exterior neste período (MDIC, 2013).

As exportações de produtos básicos cresceram significativamente e acarretaram mudanças estruturais como a maior concorrência no mercado interno e nos investimentos na produção de produtos comercializáveis.

Em resposta a crise financeira brasileira de 1990, o governo usou de instrumentos de defesa comercial, como as medidas antidumping. A década de 90 foi incentivada pelos financiamentos, como a FINAMEX (atual EXIM, operado pelo BNDES) e o PROEX – Programa de Financiamento às Exportações. O PROEX tem como objetivo conceder condições de financiamentos às exportações brasileiras que sejam compatíveis com as que prevalecem no mercado internacional. O PROEX financiamento é voltado para empresas de pequeno e médio porte, que necessitam de crédito e tem dificuldade de obtê-lo ou que obteriam a custos muito elevados nos bancos privados. Até 2008, as empresas aptas para o programa tinham faturamento bruto anual de R\$ 150 milhões, após a crise financeira internacional esse teto subiu para R\$ 600 milhões atualmente. A economia brasileira passou por um boom exportador de 2003 a 2007. O desenvolvimento desse processo é resultado da evolução do financiamento oficial às exportações.

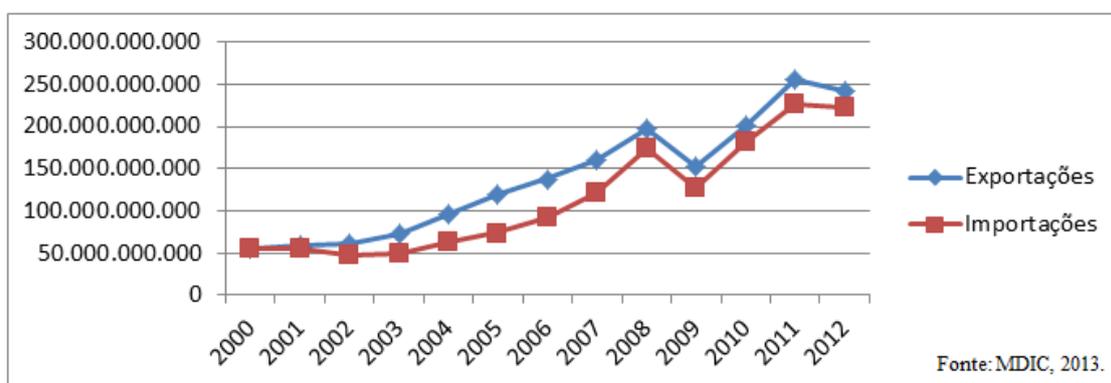
Estes incentivos contribuíram para um aumento das participações da China e da África nas exportações brasileiras, garantindo ganhos da participação dos produtos nacionais. Nos caso africano e chinês, os esforços de promoção comercial do governo brasileiro e incentivos da APEX, deram resultado; no caso chinês também oriundo do crescimento de sua demanda.

A China tem se destacado cada vez mais no cenário global nos últimos anos, em decorrência das suas expressivas taxas de crescimento e seu peso crescente no comércio internacional. O país tem a maior população do planeta – cerca de 1,3 bilhões de habitantes – e com um PIB de aproximadamente US\$ 9 trilhões em 2013 (WORLD BANK, 2013). O crescimento expressivo da China e sua presença notória no comércio internacional têm causado preocupações e impactos na economia de países desenvolvidos e em desenvolvimento. Por um lado, a grande competitividade dos produtos manufaturados chineses, que representam um grande desafio e a ameaça a países que demandam da exportação deste tipo de produto. E por outro lado, a significativa demanda da

China por *commodities* tem provocado relativa elevação de preços no mercado internacional, beneficiando países exportadores de produtos primários.

O comércio exterior brasileiro, nos últimos anos, é marcado pela crescente participação dos “novos mercados”, a China vem se destacando e alcançou em 2009 a classificação de maior parceiro do Brasil. No Gráfico 1, demonstram os valores em dólares das relações de exportação e importação entre Brasil e China no período de 2000 a 2012 (MDIC, 2013).

Gráfico 1: Relação de exportações e importações entre Brasil e China em dólares – 2000 a 2012.



Brasil e China mantiveram uma relação informal durante a criação da República da China em 1949, mas somente em 1974 foi formalizada; e nos anos 1990 houve um boom do comércio bilateral. No âmbito geral, a entrada da China na OMC em 2001, foi um fator de contribuição para a evolução das relações bilaterais com o Brasil. A partir de 2004, a *influenza* aviária teve papel importante na ampliação dos mercados brasileiros. Como uma nova opção à China e Tailândia, grandes exportadores da carne de frango que sofreram com a gripe aviária, trouxe um crescimento as exportações brasileiras. Em 2006, com o amadurecimento das relações comerciais, a corrente de comércio entre os dois países ultrapassou os 16,39 bilhões de dólares e em 2007, 23,37 bilhões de dólares (MDIC, 2013).

Os principais produtos exportados para a China são os produtos primários, que firmaram essa aproximação entre Brasil e China, já que 83% das mercadorias exportadas pelo Brasil foram produtos básicos (MDIC, 2012). A China é um parceiro valioso, mesmo que sua demanda seja por

commodities. Já o Brasil importa uma diversificada gama de produtos industrializados.

A exportação brasileira de frangos para a China aumentou 980 toneladas em 2008 para 48.920 toneladas até junho de 2010 (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO, 2010).

Outro parceiro importante para ao Brasil na exportação avícola é o Japão. Há mais de 30 anos o Brasil comercializa frangos para o Japão. No período de 2000 a 2005 o Japão colocou-se como o segundo maior importador da carne de frango, com taxa de crescimento anual de 1,8% neste período (MDIC, 2013).

A relação Brasil – Japão no comércio avícola também se fortificou no período da gripe aviária. Deste modo as empresas brasileiras passaram a investir em mercados mais exigentes, como o Japão e os Emirados Árabes.

As exigências japonesas são extremamente severas, o Brasil buscou especificar-se na qualidade exigida, construindo assim uma relação de comércio duradoura e muito significativa. Atualmente é um dos maiores importadores de frango brasileiro, em média 19% das exportações de carne de frango são destinadas ao Japão. Segundo o MDIC em 2010 o Brasil exportou mais de 300 mil toneladas de carne de frango, que renderam mais de US\$ 800 milhões.

3. AVICULTURA

3.1 DESENVOLVIMENTO DA AVICULTURA NO MUNDO

A partir da segunda guerra mundial, surgiu uma grande necessidade de destinar oferta de carne vermelha para os soldados em combate, sendo assim, foi preciso aumentar a produção de carnes alternativas e de pequenos animais, que estivessem prontas para consumo em um curto espaço de tempo. Os Estados Unidos foram os primeiros a desenvolver pesquisas no sentido de obter novas linhagens de frangos, posteriormente importadas pelo Brasil.

A avicultura é um dos componentes mais importantes do agronegócio mundial, atualmente é uma atividade econômica internacionalizada e uniforme, têm movimentado grandes volumes de produtos, implicando em elevados montantes em dinheiro, tanto no mercado interno quanto externo (ANUARIO BRASILEIRO, 2003).

A avicultura brasileira ocupa lugar de destaque no mercado internacional de carnes e desde 2004 ocupa a liderança na exportação de frango e o terceiro lugar em produção mundial desse produto (UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE, 2010). Desde 1960, a agricultura brasileira vem se desenvolvendo com o surgimento de grupos agroindustriais direcionados ao setor, consequência de disponibilidade de recursos naturais e mão de obra, o que lhe permitiu obter custos de produção mais baixos, qualidade sanitária e higiênica, desenvolvimento de pesquisas e tecnologias de ponta para o setor produtivo (EMBRAPA, 2010). Uma das principais características do mercado avícola mundial é a concentração de poucos países como agentes principais de produção, consumo e exportação.

Em 2010 destacam-se como principais produtores, os Estados Unidos com 16,63 milhões de toneladas, a China com 13,00 milhões de toneladas, o Brasil com 11,75 milhões de toneladas e a União Europeia (27 países) com 9,00 milhões de toneladas (USDA, 2011). Considerando que a produção avícola nacional é competitiva e está em constante ascensão, bem como o consumo interno e externo, novos mercados devem surgir, entre eles, o chinês que aparece como o mais promissor.

Entre 2000 e 2010, a carne de frango congelada, fresca ou refrigerada, incluindo miúdos, passou da décima sétima posição na classificação das principais mercadorias exportadas pelo Brasil para a quinta posição. Ao longo do mesmo período, sua participação relativa dentro da pauta exportadora brasileira subiu de 1,46% para 2,87%, representando um aumento de 96,58%.

A produção e comercialização da carne de frango tem sido mais dinâmica que a carne bovina e suína, decorrentes dos avanços tecnológicos no setor. A tabela 1 apresenta os principais países produtores da carne de frango de 2005 a 2010 (USDA, 2011). No ano de 2010 os dados do USDA apontam que os maiores países produtores são os Estados Unidos, com 16,63 milhões de toneladas, a China com 12,55 milhões de toneladas, o Brasil com 11,42 milhões de toneladas, seguido pela União Europeia com 8,92 milhões de toneladas.

TABELA 1. PRODUÇÃO MUNDIAL DE CARNE DE FRANGO, DE 2005 A 2010 (MIL TON.).

Países	2005	2006	2007	2008	2009	2010
EUA	15.870	15.930	16.226	16.561	15.935	16.637
China	10.200	10.350	11.291	11.840	12.100	12.550
Brasil	9.350	9.355	10.305	11.033	11.023	11.420
UE (27)	8.169	7.740	8.320	8.594	8.756	8.920
México	2.498	2.592	2.683	2.853	2.781	2.809
Índia	1.900	2.000	2.240	2.490	2.550	2.650
Rússia	900	1.180	1.350	1.550	1.790	2.000
Outros	14.364	15.349	16.036	16.648	17.069	17.709
Total	63.251	64.496	68.451	71.569	72.004	74.406

Fonte: USDA, 2011.

Dados da USDA (2011) da tabela 2 exibem os principais países consumidores da carne de frango. Apesar de os Estados Unidos permanecerem na liderança do consumo da carne de frango, o Brasil foi o país que demonstrou o maior salto em seu consumo, de 6.612 milhões de toneladas em 2006 para 9.132 milhões de toneladas em 2010.

Apesar de a carne suína ser a mais consumida, 114 toneladas por ano, a carne de frango vem alcançando essa marca com uma média de 106 milhões de toneladas por ano. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) o consumo de carne de frango está crescendo tão rapidamente que deverá ultrapassar o consumo de carne suína antes de 2020. Uma das razões da carne de frango ser considerada mais popular é o seu preço, mais acessível que as demais, e por sua produção gerar menos

custos. Outro fator importante é a religião, algumas religiões proíbem o consumo de carne bovina e suína, ao contrário do frango, que nenhuma restrição religiosa se aplica à sua carne.

TABELA 2. CONSUMO MUNDIAL DE CARNE DE FRANGO, DE 2005 A 2010 (MIL TON.).

Países	2005	2006	2007	2008	2009	2010
EUA	13.430	13.671	13.582	13.428	12.940	13.463
China	10.087	10.371	11.415	11.954	12.210	12.457
Brasil	6.612	6.853	7.384	7.792	8.032	9.132
UE (27)	8.082	7.656	8.358	8.564	8.692	8.779
México	2.861	3.010	3.061	3.281	3.264	3.344
Rússia	2.168	2.367	2.630	2.834	2.966	2.923
Índia	1.899	2.000	2.239	2.489	2.549	2.649

Fonte: USDA, 2011.

O Japão vem sendo o maior importador da carne de frango, conforme a tabela 3 (USDA) lidera com 789 milhões de toneladas importadas em 2010, seguido da Arábia Saudita com 678 milhões de toneladas, da União Europeia com 676 milhões de toneladas e da Rússia com 618 milhões de toneladas importadas em 2010.

TABELA 3. PRINCIPAIS PAÍSES IMPORTADORES DE CARNE DE FRANGO, DE 2005 A 2010 (MIL TON.).

Países	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Japão	748	716	696	737	645	789
Arábia Saudita	486	423	470	510	605	678
UE (27)	609	605	673	712	719	676
México	364	419	380	433	492	549
Rússia	1.225	1.189	1.222	1.159	913	618
Vietnã	4	25	110	211	201	291
Hong Kong	222	243	215	236	253	295
Iraque	127	119	176	211	374	319
Emirados Árabes	167	182	238	289	297	288

Fonte: USDA, 2011.

Nas exportações, desde 2004, o Brasil ocupa a liderança. Na tabela 4 encontram-se os principais exportadores de carne de frango no período de 2002 a 2010. Nota-se que as exportações mundiais cresceram à taxa média anual de 5,56% neste período, passando de 5.702 milhões de toneladas, em 2002, para 8.793 milhões de toneladas em 2010. O Brasil registrou uma taxa de crescimento média anual das exportações de carne de frango de 10,6%, ou seja, o dobro da taxa média mundial, em 2010 exportaram 3.314 milhões de toneladas; um aumento de 37,69% com relação a 2006, no qual foram exportadas 2.367 milhões de toneladas. Em segundo, os Estados Unidos em 2010 exportaram 3.072 milhões de toneladas, 34,94% a mais de exportações

comparados a 2006, foram 2.254 milhões de toneladas exportadas pelos norte-americanos. Em terceiro, a União Europeia exportou em 2010, 992 milhares de toneladas, um aumento de 11,28% com relação aos 820 milhares de toneladas exportadas em 2006. Números bem inferiores comparados aos maiores exportadores mundiais, Brasil e Estados Unidos.

TABELA 4. PRINCIPAIS PAÍSES EXPORTADORES DE FRANGO NO PERÍODO DE 2002 A 2010 (MIL TON.).

Países	2002	%	2006	%	2010	%	Var. (%)*
Brasil	1.480	25,96	2.367	36,58	3.314	37,69	10,60
EUA	2.180	38,23	2.254	34,84	3.072	34,94	4,38
UE (27)	871	15,28	820	12,67	992	11,28	1,64
Tailândia	427	7,68	280	4,33	432	4,91	0,15
a							
China	438	7,49	350	5,41	379	4,31	-1,79
Demais	306	5,37	399	6,17	604	6,87	8,87
Total	5.702	100,0	6.470	100,0	8.793	100,0	5,56

Fonte: ABEF(2012). *Refere-se à taxa média geométrica.

Nota-se que o mercado chinês foi o único entre os cinco principais exportadores mundiais que registrou taxa média de crescimento negativa de 1,8% ao ano. Este dado é decorrente do surgimento de focos da gripe aviária em países asiáticos no início de 2006.

A posição de liderança assumida pelo Brasil como o maior exportador de carne de frango é decorrente dos avanços tecnológicos e desenvolvimentos do setor, diretamente ligada ao surgimento da gripe aviária em países como a Tailândia, China, Vietnã, Estados Unidos e Canadá; que proporcionou uma conjuntura internacional favorável para o surgimento de novos mercados para suprir a demanda mundial, especialmente no Oriente Médio e na Ásia Oriental. Segundo Turra, presidente executivo da ABPA, um fator importante que favorece a produção e exportação desta proteína é o rigoroso controle sanitário promovido pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), por meio do Programa Nacional de Controle de Resíduos e Contaminantes (PNCRC).

3.2 DESENVOLVIMENTO DA AVICULTURA NO BRASIL

O início da avicultura industrial no Brasil começou com a importação de linhagens híbridas americanas, mais fortes e produtivas. Posteriormente, o setor se desenvolveu e estruturou graças aos investimentos nacionais.

Formaram-se as associações avícolas, as cooperativas e os contratos de integração, através de parcerias entre produtor e agroindústria, aumentando a competitividade deste segmento no país.

No Brasil existem três sistemas de produção avícola, o sistema de integração, o sistema cooperativo e o sistema independente. No sistema de integração é preciso a incorporação à atividade principal de uma empresa todas aquelas relacionadas à ela no processo de produção do frango de corte. Portanto a empresa integradora fornece ao criador, os pintainhos, a ração, a assistência técnica e se responsabiliza pelo abate e comercialização do produto. Resta de responsabilidade do criador as instalações, os equipamentos, a água, a mão de obra, aquecimento e entre outros (SINDIAVIPAR, 2013).

Já no sistema cooperativo, o criador é mais presente e ativo em todo o processo, organização e tomada de decisões. A ração e todos os produtos utilizados são repassados aos cooperados, e todas as despesas do criador são agregadas ao custo de produção e posteriormente divididas proporcionalmente entre o total de frangos produzidos pelo cooperado.

No sistema independente, ele é responsável por todo o processo de produção, portanto todos os riscos envolvidos são responsabilidade do produtor. Este sistema é considerado o mais pesado, já que o produtor precisa cuidar de todas as etapas e procedimentos, além dos riscos sanitários e de comercialização.

Portanto o sistema da integração beneficiou o produtor rural, proporcionando uma renda complementar e contribuindo também para a indústria, garantindo insumos para a continuidade da produção.

A produção brasileira da carne de frango cresceu notoriamente, em 1970 foram produzidas 217 mil toneladas, em 2010 foram 12,3 milhões de toneladas.

Esse salto esboça o crescimento tecnológico e o desenvolvimento da atividade no Brasil. Para 2018 a projeção do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) é de 17,44 milhões de toneladas (MAPA, 2011).

A partir de 1975 a avicultura brasileira expandiu-se para o mercado externo, na qual teve que buscar seu espaço no mercado internacional. Inicialmente, o mercado árabe foi conquistado pelo produto brasileiro, pelo sabor e coloração mais amarelada (resultado da dieta à base de milho). Posteriormente buscou investir no mercado asiático e europeu. Hoje exporta para uma gama de países em todos os continentes, sendo os principais importadores da carne de frango, Japão, Arábia Saudita, Rússia, Hong Kong e países da Europa.

Na tabela 5, a seguir, podemos observar que a região Sul do Brasil sempre liderou o número de abate de cabeças de frango, em 2010, foram 2.963.715.255 bilhões de cabeças de frango abatidas, mais que o dobro da região Sudeste no mesmo ano, que abateu 1.119.260.741 bilhão. A produção está altamente concentrada nos estados da região Sul e São Paulo, que juntos, somam por cerca de 70% do total de abate de frangos do país. Os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul são os maiores produtores nacionais. A região Sudeste aparece em segundo, em 2010 foram abatidos 1.119.260.741 bilhão de cabeças de frango. Em terceiro a região Centro-Oeste que neste ano abateram 632.896.600 milhões de cabeças de frango na região. Já as regiões Nordeste e Norte têm um abate menor, em 2010, foram respectivamente, 143.878.349 e 35.545.633 milhões de cabeças de frango abatidas.

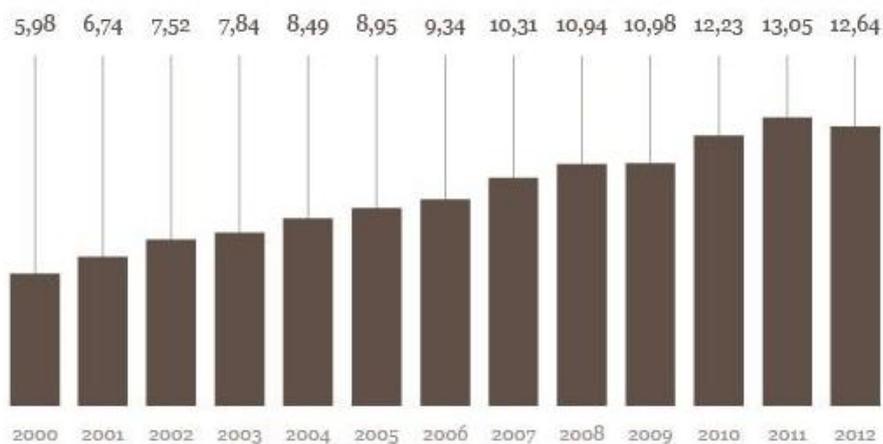
TABELA 5. ABATE NACIONAL DE FRANGOS POR REGIÕES, DE 2005 A 2010 (CABEÇAS).

Regiões	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Sul	2.369.248.763	2.350.379.107	2.663.126.126	2.944.730.488	2.870.783.529	2.963.715.255
Sudeste	911.098.826	997.401.653	1.052.023.558	1.171.661.804	1.078.052.775	1.119.260.741
Centro-Oeste	382.453.769	398.468.368	440.963.766	519.001.954	550.245.386	632.896.600
Nordeste	57.162.940	102.138.802	112.246.045	128.509.659	138.357.891	143.878.349

Norte	17.959.489	24.135.446	32.561.326	48.094.722	52.520.981	35.545.633
Total	3.764.923.787	3.872.523.394	4.300.920.821	4.811.998.627	4.689.960.562	4.900.296.578

Fonte: IBGE.

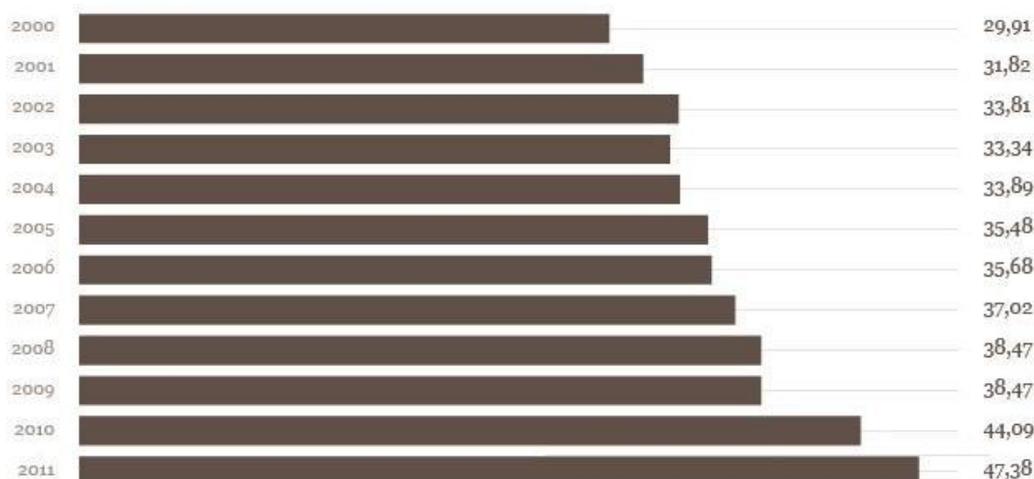
Gráfico 2: Produção brasileira de carne de frango (2000 à 2012).



Fonte: UBPA, 2013.

Em nível internacional, o setor agroindustrial avícola tem sido mais dinâmico que o da carne suína e bovina. A produção de carne de frango tem se expandido em cerca de 5,6% ao ano desde os anos 80, parte desde dinamismo está relacionado aos avanços tecnológicos, genéticos, nutrição e sanidade do setor. No gráfico 2 é possível visualizar a crescente produção brasileira de carne de frango, que salta de 5,98 milhões de toneladas em 2000 para 12,23 milhões de toneladas em 2010 (UBPA, 2013).

Gráfico 3: Consumo per capita de 2000 à 2011.



Fonte: UBPA, 2012.

O consumo mundial da carne de frango vem crescendo gradativamente, a carne de frango é a segunda mais consumida no mundo, atrás apenas da carne suína. O gráfico 3 ilustra a evolução do consumo de frango per capita no Brasil ao longo de 2000 a 2011. Mesmo em 2005 e 2006, com as suspeitas da gripe aviária, o consumo se manteve fixo nos 35 quilos. O grande salto no consumo per capita deu-se, em 2010, passando de 38,5 quilos no ano anterior para 44, com uma elevação de 14,3% (UBPA, 2012).

Para Triches (2004) a ampliação do consumo da carne de frango está ligada a quatro fatores:

“a) a substituição de carne vermelha, em decorrência principalmente da crescente preocupação com saúde e ordem ambiental; b) melhor capacidade de coordenação da cadeia agroindustrial do frango, aliado ao baixo preço relativo às outras carnes, além de constante desenvolvimento de novos produtos e marcas; c) grande aceitação da carne de frango pela maioria da população, e d) crescentes ganhos de produtividade na indústria da carne de frango em relação das melhorias tecnológicas” (TRICHES, 2004).

Com esse aumento expressivo no consumo interno de carnes, o abate de frangos no Brasil acompanhou esse avanço. Na tabela 6, é possível notar que o Paraná apareceu na primeira colocação, crescendo 26% do total neste período, seis anos mais tarde abatendo 1.243 bilhões de aves. Seguido de Santa Catarina e Rio Grande de Sul. Vale notar o crescimento do estado do Mato Grosso, que no período, cresceu de 66,3 milhões para 150,3 milhões, com taxa média de 14,6% ao ano. O estado de Goiás também teve um crescimento elevado com taxa média de 11,9% ao ano.

TABELA 6. ABATE DE FRANGOS POR ESTADOS BRASILEIROS NO PERÍODO DE 2003 A 2009 (MIL CAB.)

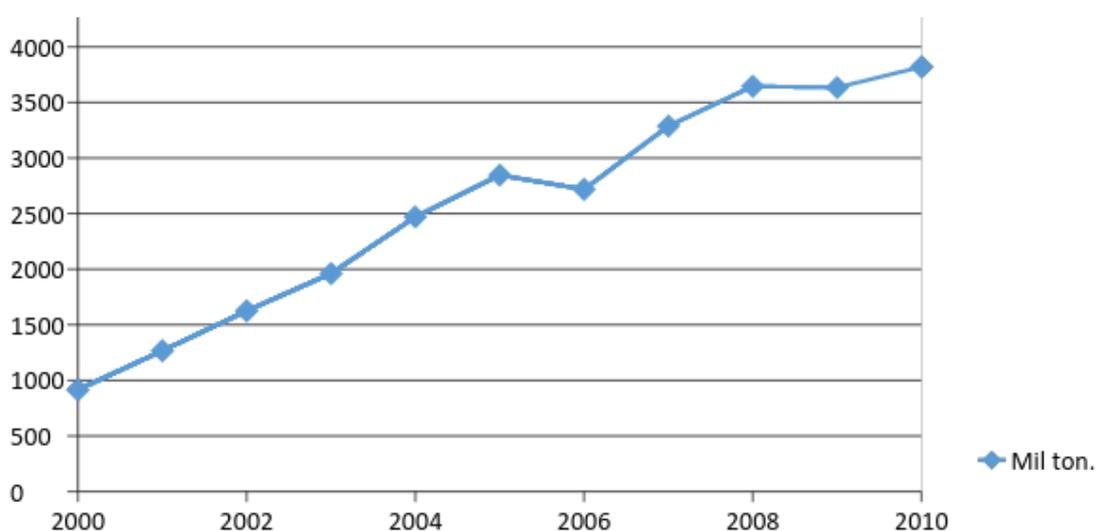
Estados	2003	%	2005	%	2009	%	Var. (%)*
Paraná	813.374	20,8	1.010.640	21,5	1.243.245	26,0	7,3
Santa Catarina	648.752	16,6	741.941	15,8	871.156	18,2	5,0
Rio G. do Sul	602.214	15,4	653.434	13,9	758.951	15,9	3,9
São Paulo	467.215	12,0	638.623	13,6	659.382	13,8	5,9
Minas Gerais	233.045	6,0	570.909	12,2	363.219	7,9	7,7
Goiás	138.022	3,5	172.656	3,7	271.309	5,7	11,9
Mato Grosso	66.332	1,7	67.543	1,4	150.332	3,1	14,6
Mato G. do Sul	112.087	2,9	122.789	2,6	128.614	2,7	2,3

Fonte: UBA (2012). *Refere-se à taxa média geométrica de variação anual

Em 2011, 69,8% da produção nacional de carne de frango foi destinada ao mercado interno e 30,2% às exportações, dentre as exportações 52,44% foram de cortes de frango, 38,10% de frangos inteiros, 4,89% de salgado e 4,56% de industrializados (UBABEF). Os destinos dessas exportações também aumentaram, passando de 125 países em 2003, para mais de 170 países em 2010. Apesar da gama de países que importam a carne de frango brasileira, as suas exportações são mais concentradas, somente o Oriente Médio importa cerca de um terço do total de exportações. As vendas para essa região cresceram de 458 mil toneladas em 2002, para 1,162 milhões de toneladas em 2010, um aumento de 12,3% ao ano.

Conforme o gráfico 4, as exportações brasileiras passaram de 916 mil toneladas em 2000, para 3,820 milhões de toneladas, uma aumento significativo e quase sempre constante, somente no período entre 2005 e 2006 não houve um aumento, as exportações diminuíram 128 mil toneladas, decorrentes de surto de gripe aviária que inibiram o consumo de carne de frango no mundo. Contudo essa diminuição nas exportações foi relativamente pequena, já que várias empresas e cooperativas brasileiras diminuíram sua produção, seguindo as recomendações da União Brasileira de Avicultura (UBA) e a ABEF, que aconselharam uma diminuição da produção de 25%.

Gráfico 4: Exportações brasileiras de carne de frango, 2000 - 2010.



Fonte: MDIC, 2011.

Na Tabela 7, podemos observar os dados referentes à produção e exportação de carne de frango brasileira de 2000 a 2012 em milhões de toneladas e porcentagem da produção exportada. Nota-se que de 2000 a 2012 houve um aumento de 319% na quantidade exportada de carne de frango. Em 2008 chegou a ter 33,3% de sua produção nacional exportada, mantendo o nível até hoje com cerca de 30% da produção nacional destinada à exportação.

TABELA 7. DEMOSTRAÇÃO DA EXPORTAÇÃO DE FRANGOS EM RELAÇÃO À PRODUÇÃO, DE 2000 A 2012 (MIL TON).

Ano	Produção (Mil/Ton)	Exportação (Mil/Ton)	% da Produção que é exportada
2000	5,98	0,916	15,3
2001	6,74	1,266	18,7
2002	7,52	1,625	21,6
2003	7,84	1,961	25,0
2004	8,49	2,47	29,0
2005	8,95	1,846	20,6
2006	9,34	2,718	29,1
2007	10,31	3,287	31,8
2008	10,94	3,646	33,3
2009	10,98	3,635	33,1
2010	12,23	3,82	31,2
2011	13,05	3,943	30,2
2012	12,64	3,843	30,4

Fonte: a partir de dados da UBABEF, 2013.

Com excelência tecnológica em genética, manejo e um sistema de sanidade avícola respeitado no mundo todo, hoje o Brasil exporta carne de frango para 155 países

3.3 DESENVOLVIMENTO DA AVICULTURA NO ESTADO DO PARANÁ

No começo do século XXI, o Brasil alcançou o posto de um dos maiores exportadores mundiais e o Paraná conquistou a liderança nacional na produção de frangos. Nesse período, a região oeste do estado notou um crescimento real de aves e a entrada das cooperativas agrícolas neste setor agroindustrial.

No Paraná, a avicultura de corte é dominada por grandes empresas e cooperativas que atuam neste mercado. Como principal produtor nacional, o Estado do Paraná é referência em tecnologia e organização de produção. Encadeando uma produtividade e qualidade comparadas às obtidas pelos

países mais desenvolvidos do mundo, contribuindo para a geração de divisas de exportação (LOPES, 1992). A avicultura se tornou uma das alternativas para os produtores no aproveitamento de suas terras.

O Paraná é responsável por 42% da produção de carne de frango da região sul, que representa 55,3% da produção nacional. Desde 2000 o Estado é o maior produtor de carne de frango do Brasil. Portanto o estado se destaca como uma potência econômica neste setor, gerando empregos, renda e tributos. Em 2010 foram exportadas 952.596 mil toneladas de carne de frango, gerando uma receita de US\$ 1,55 bilhão (UBABEF, 2011).

No figura 1, nota-se que o estado do Paraná participa com 28,74% do total da carne de frango exportada em 2012, exportando 1.126.050 milhão de tonelada. Em seguida aparece Santa Catarina com 26,12% do total nacional exportado, com 1.023.334 milhão de tonelada. Em terceiro o Rio Grande do Sul com 18,54% do total nacional exportado, exportando 726.293 mil toneladas. Em quarto o estado de São Paulo que representa 7,07% do total nacional exportado com 276.843 mil toneladas em 2012 (ABPA, 2013).

Figura 1: Estados exportadores de frango de 2012.



Fonte: ABPA, 2013.

A cadeia produtiva do estado gera mais de 50.000 empregos diretos, são 42 empresas atuando no setor, 35 privadas e 7 cooperativas: Copacol, Coopavel, C. Vale, Lar, Copagrill, Coasul e Cocari (SEAL/DERAL, 2005).

Somente o estado do Paraná no ano de 2010 exportou 1.695.137.917 bilhão de dólares, de um total de 6.810.027.767 bilhões de dólares exportados pelo Brasil. Na tabela 7 observa-se que cerca de um terço exportação nacional em 2010, foi feita pelo estado, que exportou 1.001.533.474 quilos de um total de 3.824.729.802 quilos das exportações nacionais.

TABELA 7. EXPORTAÇÃO DE CARNE DE FRANGO, COMPARATIVO BRASIL-PARANÁ, DE 2005 A 2010.

	Brasil		Paraná	
	US\$	KG	US\$	KG
2010	6.810.027.767	3.824.729.802	1.695.137.917	1.001.533.474
2009	5.776.320.291	3.626.514.156	1.472.629.420	954.653.281
2008	6.359.301.018	3.452.453.696	1.621.916.385	915.164.480
2007	4.366.055.895	3.188.973.181	1.151.390.317	843.658.462
2006	3.210.974.413	2.740.972.269	867.368.880	751.248.285
2005	3.512.681.569	2.862.068.098	953.801.113	791.209.247

Fonte: Sindiavipar / Alice WEB

A Arábia Saudita é o principal mercado consumidor da carne de frango do Paraná, em 2010 foram exportados 338.339.486 milhões de dólares. Em seguida o Japão com 179.470.502 milhões de dólares; Hong Kong com 149.111.898 milhões de dólares e os Emirados Árabes com 112.858.856 milhões de dólares. O sucesso das exportações de carne de frango para o Oriente Médio é decorrente de vários investimentos que as empresas paranaenses adquiriram para garantir a satisfação destes países, como a implantação do abate Halal e a contratação de mulçumanos nativos ou convertidos para a verificação de todo o procedimento.

TABELA 8. PRINCIPAIS MERCADOS CONSUMIDORES DA CARNE DE FRANGO DO PARANÁ (2010).

Nº	País	Exportação		Participação	
		US\$	KG	US\$	KG
1	Arábia Saudita	338.339.486	219.958.256	19,96%	21,96%
2	Japão	179.470.502	71.717.363	10,59%	7,16%
3	Hong Kong	149.111.898	96.243.445	8,80%	9,61%
4	Emirados Árabes	112.858.856	65.971.823	6,66%	6,59%
5	Holanda	107.422.060	38.299.785	6,34%	3,82%
6	Kuwait	75.338.674	52.427.404	4,44%	5,23%
7	China	67.698.757	34.681.821	3,98%	3,46%
8	Alemanha	64.698.435	23.075.657	3,82%	2,30%

9	Egito	57.492.980	34.168.262	3,39%	3,41%
10	África do Sul	44.905.118	56.816.920	2,65%	5,67%
Total		1.197.184.766	693.360.736	70,62%	69,23%

Fonte: SECEX

A produção avícola é considerada um investimento de sucesso principalmente para o pequeno produtor, pois contribui para a valorização da propriedade e no incremento da receita familiar. “Hoje, uma propriedade de um alqueire, com um aviário de 35 mil cabeças, vai dar retorno semelhante a uma área de 90 mil alqueires plantada de milho ou soja, com a vantagem de necessitar de um capital mobilizado em terras muito menor” explica Ciliomar Tortola, diretor industrial da Frangos Canção.

4 ESTUDO DE CASO: COPACOL

4.1 HISTÓRICO

A Cooperativa Agroindustrial Consolata (COPACOL) foi fundada em 23 de outubro de 1963, no distrito de Cafelândia, na época pertencente ao município de Cascavel, oeste do Paraná. O padre Luís Luise, de origem italiana, juntamente com 32 agricultores vindo de Santa Catarina e Rio Grande do Sul se uniram com o objetivo de ajudar a população e acabar com a exploração de intermediários, que comercializavam suas safras e pagavam cada vez menos aos produtores.

Inicialmente a cooperativa dedicou-se ao fornecimento de energia elétrica para suprir as necessidades da população cafelandense. Entre 1966 e 1967, a cooperativa iniciou o recebimento de cereais, mas somente em 1969 houve o desmembramento do setor agrícola e energético, que foi entregue à administração da Companhia Paranaense de Energia (COPEL). A partir daí adotou a sigla Copacol.

A cooperativa foi uma das primeiras a acreditar no potencial da avicultura, a ideia surgiu em 1979 e em 1982 o abatedouro de aves da Copacol deu início as suas atividades, momento considerado um divisor de águas na economia da cooperativa e de seus associados e colaboradores. A Copacol acreditava que a avicultura seria uma alternativa viável de aumento de renda aos pequenos produtores, já que se tratava de uma atividade de giro rápido. Há 33 anos a cooperativa produzia cerca de 72 mil aves ao dia, hoje apenas no Abatedouro da Cooperativa em Cafelândia, são abatidas 330 mil aves ao dia, além do abate de aves realizado na Cooperativa Central Unitá, que abate 180 mil aves ao dia, a qual a Copacol possui sociedade com a Coagru. Desde 1982 já foram abatidas 1 bilhão e meio de aves.

Ainda na década de 1980, a cooperativa obteve uma quota da Cooperativa Central Frimesa, dando aos produtores mais uma opção de diversificação através da suinocultura e da bovinocultura de leite. Auxiliando também os bovinocultores que não podiam arcar com os altos custos do gado para recria, contavam com o programa de inseminação artificial da Copacol.

Em 1996 foi implantado o Programa de Profissionalização do Produtor Rural – PPRR, em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), esse programa visava o aprimoramento do sistema produtivo, através de produtores integrados, que levou aos associados soluções para um aumento de produtividade com a manutenção da qualidade exigida pelo mercado interno e externo. (COPACOL, 2004)

Em 2000, a Copacol teve o melhor resultado da produção total de frangos do Paraná, com 32,44% da produção total das cooperativas e 6,69% da produção paranaense. Dando continuidade a esse feito em 2001 e 2002. A Copacol foi a cooperativa que mais cresceu na produção, passou de uma participação de 32,44% em 2000 para 58,03% em 2006.

Para a Copacol, sua missão é desenvolver ações de cooperação no agronegócio, buscando continuamente a excelência de produtos e serviços, proporcionando satisfação aos clientes, gerando renda e bem estar aos associados, colaboradores e parceiros. A Copacol tem como valores: ética, honestidade, lealdade, o respeito às diferenças, a responsabilidade e a cooperação. Sua visão é ser referência como uma das melhores cooperativas agroindustriais brasileiras.

Há mais de 30 anos a Copacol atua no mercado externo, prezando pela qualidade e segurança alimentar dos produtos que comercializa. Aliado às certificações ISSO 9001, BRC- Produtos Alimentícios e APPCC/HACCP- Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controle, certificam a cooperativa como uma empresa apta a produzir alimentos e exportá-los para os mercados mais exigentes como o da Europa e da Ásia.

O abate Halal contribuiu para que as relações comerciais com o Oriente Médio tornassem cada vez mais solidas. O abate Halal deve ser feito de forma rápida, cortando os três principais vasos do pescoço do animal (jugular, traqueia e esôfago), assim ele terá uma morte instantânea e indolor. O abate também deve ser voltado para a Meca, deve ser realizado por um muçumano, ativo ou convertido, que saiba as regras e condições do abate de animais no Islam. Antes do abate o inspetor muçumano tem a responsabilidade de checar

se os animais são abatidos seguindo as leis Shariah e invocar a frase “Em nome de Deus, o mais bondoso, o mais misericordioso” antes do abate.

Em 2003 a Copacol lançou o primeiro propósito estratégico “DNA Copacol 1/40/5”, na busca por um crescimento sustentável continuou investindo em projetos de desenvolvimento, deu sequência com o propósito “Copacol GPS 2.5.25”, encerrado em 2013, no cinquentenário da cooperativa. O novo propósito estratégico é “Copacol 4X4”, quatro bilhões de faturamento e quatro projetos de desenvolvimento, busca a geração e distribuição de renda, diversificação das propriedades, aumento da produtividade, desenvolvimento econômico e social da região, novo negócio para aumentar a renda do associado, projeto de habitação para colaboradores, incentivo a cultura, esporte e educação e a reutilização de dois milhões de litros da água por dia (COPACOL, 2014).

Nos últimos anos, a COPACOL recebeu várias premiações pelo prestígio de sua atuação. Na avicultura, de 1999 a 2003, a empresa ficou em primeiro e segundo lugares como a melhor Cooperativa na avicultura brasileira, prêmio criado pela Gessuli Agrobusiness de São Paulo, em parceria com a Fundação Getúlio Vargas. Em 2005, 2006 e 2008 em uma pesquisa da Revista Amanhã, realizada em parceria com o Instituto Bonilha de Curitiba, destacou a Copacol no Prêmio Top of Mind, como a marca mais lembrada pelo consumidor do Estado, na categoria frango. O sistema SAP/R3, implantado na Cooperativa e intitulado de "SAP Case de Sucesso" comprovou a diferenciação competitiva da Copacol que, ficou em primeiro lugar na categoria agronegócios da 5ª edição da Revista B2B Magazine em 2005. Um prêmio que realça a importância da cooperativa para o fortalecimento dos municípios da sua área de ação, gerando bem estar social e empregos, foi o Prêmio Ozires Silva, recebido em 2007. Com o desenvolvimento de projetos de inclusão social e promoção dos direitos humanos, a Copacol conquistou a em 2008 o troféu da 2ª edição do Prêmio ODM Brasil.

Em 2009 a Copacol conquistou o título de melhor empresa do agronegócio do Brasil em Aves e Suínos, em pesquisa feita pela Revista Exame – Edição Melhores e Maiores. Pouco tempo depois foi classificada entre

as 500 maiores empresas do agronegócio do Brasil e entre as 10 melhores empresas do setor de Indústria de Carnes, pelo Anuário Melhores do Agronegócio/2009 da Editora Globo. Em 2015, pelo quinto ano consecutivo, a Copacol foi classificada como uma das 150 melhores empresas para trabalhar no País, através da realização da pesquisa coordenada pelas revistas Você S/A e Exame.

A Copacol inaugurou em 2008, um dos maiores complexo integrados de peixe do país instalado no município de Nova Aurora, Paraná. Em desenvolvimento constante, esse ramo agrega bons resultados para toda a cadeia produtiva, fortalecendo a Cooperativa e as famílias de associados e colaboradores. A marca Copacol já possui reconhecimento em todo território nacional pela industrialização da carne de peixe, que também comercializa outros peixes de água salgada com sua marca.

Hoje a cooperativa conta com cerca de 6 mil associados e 9 mil colaboradores diretos, ocupando a 15ª posição no país em geração de emprego, conforme pesquisa realizada pela Revista Exame, na edição de julho dos Melhores & Maiores. A Copacol conta também com 11 unidades para recebimento e armazenagem de grãos na região do oeste paranaense e cinco filiais de vendas para a comercialização de seus produtos em todo o território nacional. No ano de 2014 a Copacol atingiu R\$ 2,5 bilhões de faturamento e 20% de crescimento em relação ao ano anterior, graças à ampliação das exportações e o aumento no volume de produção de carne de frango e de peixe.

Em 2014 a Copacol conta com 887 avicultores associados, com 1.238 aviários. Neste ano foram produzidos 119,1 milhões de pintainhos que consumiram 799,1 toneladas de rações e concentrados. O aumento na produção de pintainhos e rações é reflexo das inaugurações do incubatório de Goioerê e da fábrica de rações em Jesuítas. A implantação da NR 36, Norma Regulamentadora do Ministério do Trabalho, que estabelece as condições de trabalho nos frigoríficos, incluindo pausas durante o expediente, refletiu na redução do volume de aves abatidas, que em 2013 foi de 100,9 milhões de cabeças e em 2014 foi de 98,7 milhões de cabeças abatidas. Contudo com o

aumento do peso médio do frango no campo, o volume de carne produzida foi mantido, 226,1 mil toneladas em 2013 e 226,9 mil toneladas em 2014.

Em 2014, o mercado de carnes de frango se comportou de forma positiva. Com a desvalorização do Real, o produto da Copacol ficou mais competitivo no mercado externo, regulando a oferta interna, trazendo equilíbrio nos preços do mercado doméstico. No último trimestre, a Rússia fortaleceu as exportações do Brasil após o fechamento das importações dos Estados Unidos.

4.2 ANÁLISE DE DADOS

Os produtos Copacol estão presentes em mais de 40 países. Em 2014 nove países receberam os produtos da Cooperativa pela primeira vez, como a Albânia, Namíbia, Sudão, Haiti, Kosovo, Síria, Bahrein, Angola e Mali.

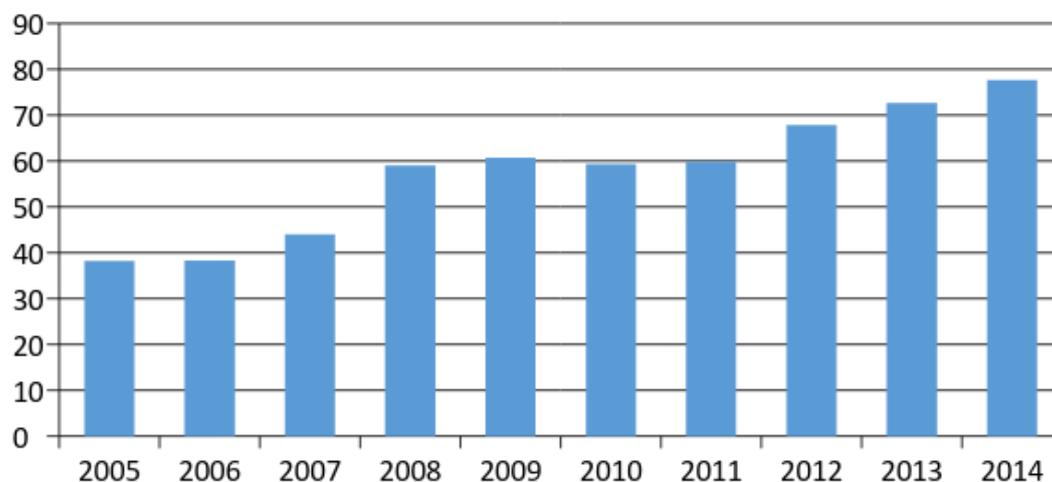
Com a habilitação do abatedouro da Unitá Cooperativa Central, para exportar, a Copacol teve a oportunidade de buscar novos mercados e consolidar ainda mais a sua marca em diferentes locais do mundo.

Agregando valor à matéria-prima, gera-se riqueza. A Copacol foi a primeira cooperativa agrícola do Paraná a investir na produção de aves. Na década de 1980 a avicultura ainda era uma promessa, o Brasil tinha somente 4% na participação das exportações mundiais, hoje esse setor abrange cerca de 35%. Em 2015, cerca de 49% da produção de carne de frango da Copacol é destinada ao mercado interno e 51% ao mercado internacional.

As cooperativas possuem maior grau de confiança e são consideradas parceiros mais atraentes para as empresas e para as cooperações produtoras de produtos agrícolas. Pois possuem uma capacidade de coordenar grande número de contratos, viabilizando assim, melhores preços no comércio internacional. O sucesso das cooperativas na área internacional é fruto de algumas estratégias que antes eram deixadas de lado, como o controle e sanidade dos alimentos, modernização e avanços tecnológicos, a preocupação com o protecionismo internacional, e as tendências dos consumidores internacionais.

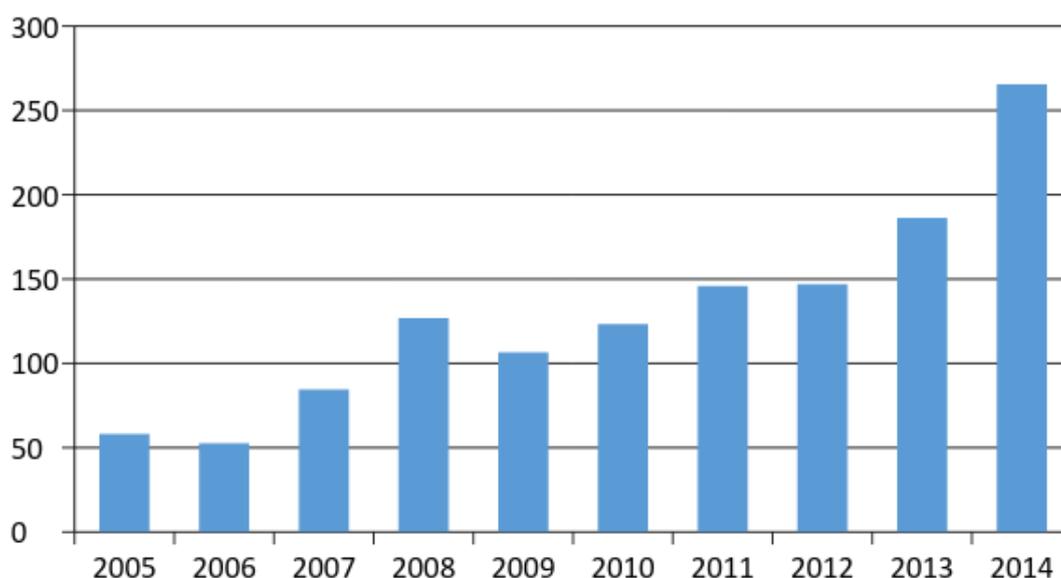
Segue no gráfico 5 e 6, as quantidades de carne de frango exportadas em toneladas e milhões de dólares, do período de 2005 até 2014 pela Copacol. Os maiores picos de arrecadamento em milhões de dólares são no ano 2008 e no ano de 2014, com 265,6 milhões de dólares.

Gráfico 5: Quantidade exportada de carne de frango pela Copacol, de 2005 à 2014 (mil/ton).



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados fornecidos pela Copacol.

Gráfico 6: Exportações de carne de frango pela Copacol, de 2005 à 2014 (milhões US\$).

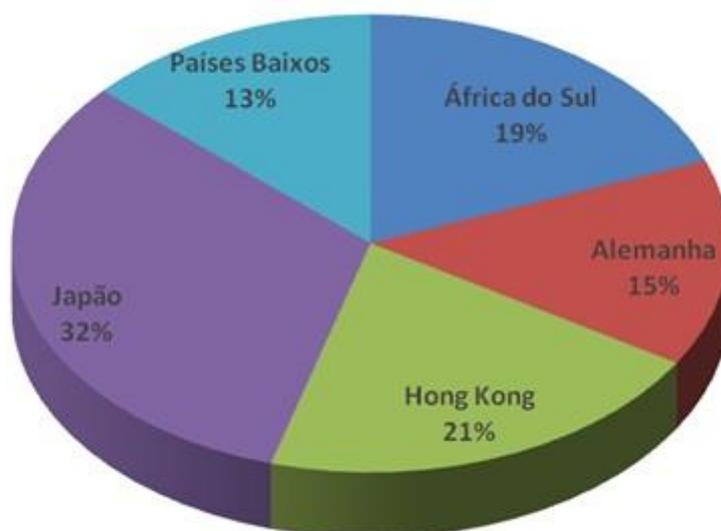


Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados fornecidos pela Copacol.

Assim como em todo território nacional, o mercado asiático domina as exportações de carne de frango. A crescente demanda populacional e o fator sanitário, resultado da gripe aviária, intensificaram um aumento expressivo das exportações de carne de frango da cooperativa. Em 2006 foram exportados 52.743.893 milhões de dólares e 38.381 mil toneladas. Em 2007, as exportações passaram de 84.624.783 milhões de dólares e 44.069 mil toneladas para em 2008 alcançarem 127 milhões de dólares com 59.049 mil toneladas exportadas. Os números obtidos em 2008 coincidem com o auge dos

preços das commodities na economia global, quando a exportação do Brasil passou de U\$72 bilhões em 2003 para U\$197 bilhões em 2008, e seu PIB cresceu em média 4,8% neste período.

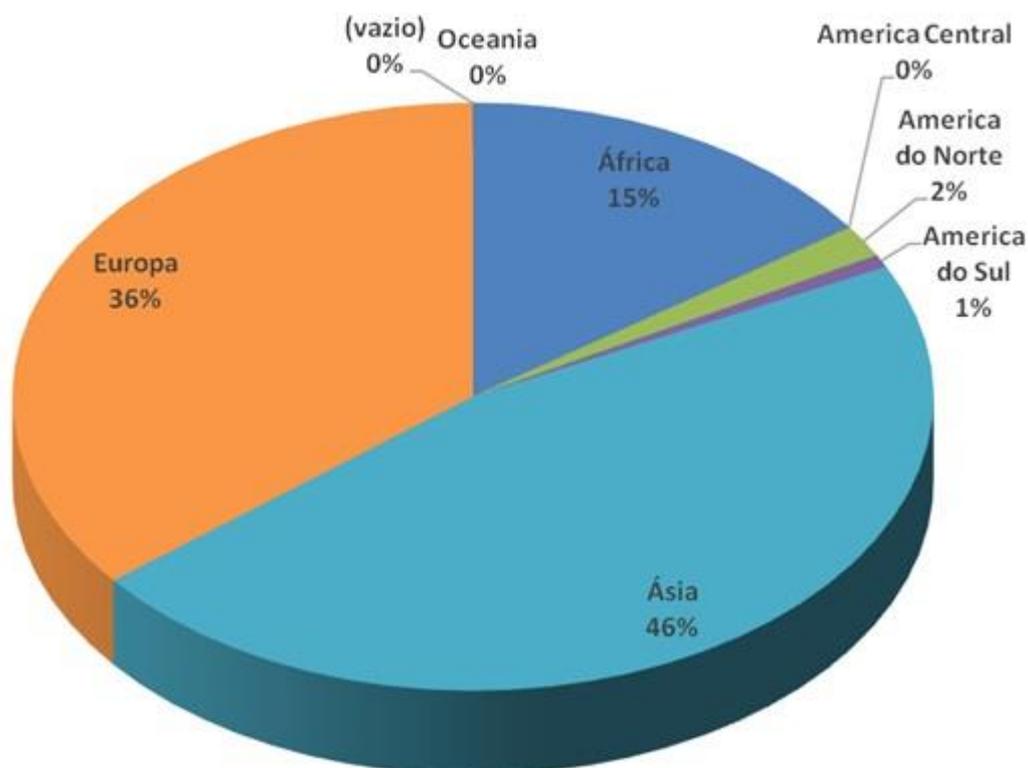
Gráfico 7: Volume exportado considerando os países mais representativos no período de 2000 à 2010.



Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados fornecidos pela Copacol.

O gráfico 7 ilustra o volume de carne de frango exportado considerando os cinco países mais representativos, durante o período de 2000 à 2010. É possível verificar que existe uma proximidade nas porcentagens, Japão com 32%, Hong Kong com 21%, Alemanha com 15%, 19% para a África do Sul e os Países Baixos com 13%. A Copacol investiu na diversificação de seus produtos e mercados, essas inovações interferiram no sucesso de suas exportações. Ao longo desses anos foram implementadas estratégias de desenvolvimento de produtos, análise da logística de distribuição, em conjunto com estratégias promocionais e outras. O boom das commodities contribuiu para uma variação de continentes e economias, que garantiram um mercado diversificado, criando vantagens competitivas.

Gráfico 8: Volume de exportações de carne de frango da Copacol por continente no período de 2000 à 2010.



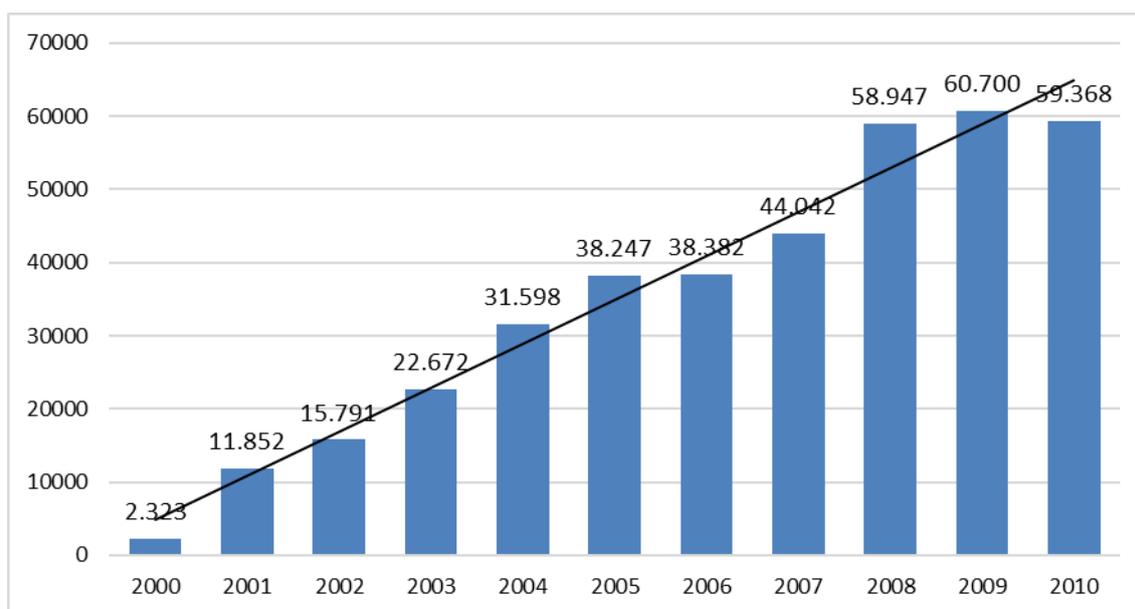
Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados fornecidos pela Copacol.

No gráfico 8, fica visível a importância que o conteúdo asiático tem sobre as exportações de carne de frango da Copacol. A cooperativa sempre está presente nas principais feiras internacionais de proteína animal do mundo, como a Anuga Exhibition, considerada a maior neste âmbito, reunindo cerca de 6.000 empresas de mais de 100 países, a cada dois anos na Alemanha; sempre levando seus produtos inovadores e buscando novos parceiros econômicos. De 2000 a 2010, a Ásia representa o destino de 46% do volume exportado neste período, um valor expressivo que reforça a relação comercial sólida do mercado de *commodities* internacional. A Europa aparece em seguida como segundo principal destino das exportações de carne de frango da Copacol com 36% do total exportado. Em terceiro, o continente africano que recebeu 15% das exportações totais neste período. E os demais continentes somando 2% do volume total exportado para essa região. Demonstrando a

pouca representatividade importadora do continente americano como mercado consumidor da carne de frango.

A Copacol tem uma evolução do volume anual exportado crescente. Em 2000 foram exportados 2.323 milhões de toneladas, somente um ano depois, houve um crescimento de 95%, e em 2001 foram exportados 11.852 milhões de toneladas. O volume cresce gradualmente até 2009, ano que a cooperativa exportou 60.700 milhões de toneladas de carne de frango. No ano de 2010 o volume diminui para 59.368 milhões de toneladas. Contudo no ano de 2014, a cooperativa exportou 77,6 milhões de toneladas de carne de frango, com um faturamento de 265,6 milhões de dólares, que representam 26% do faturamento da Copacol.

Gráfico 9: Evolução anual do volume exportado de carne de frango pela Copacol.

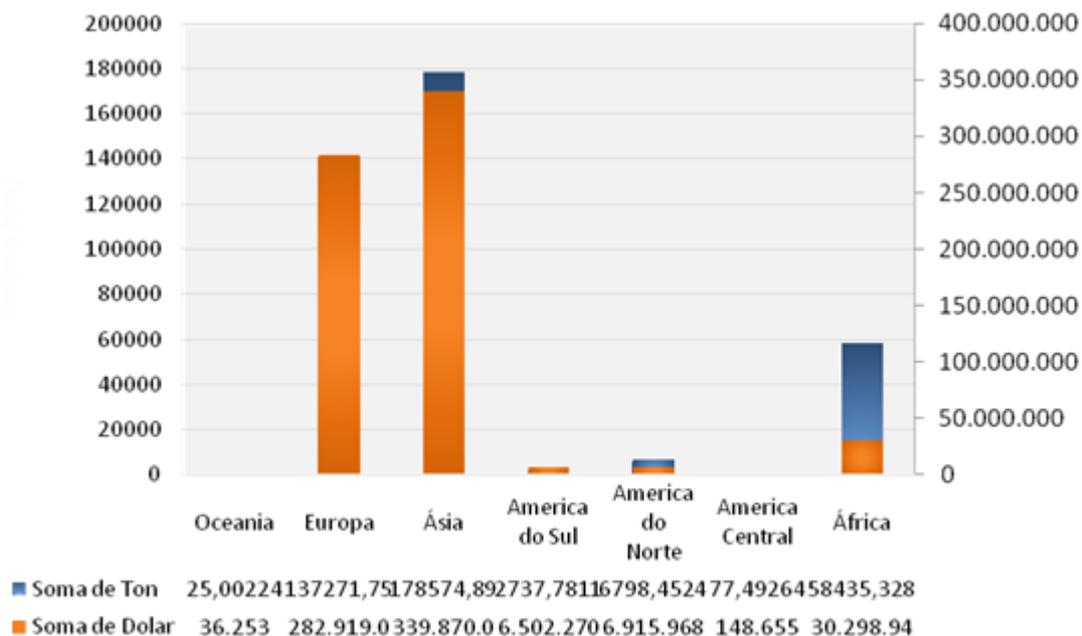


Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados fornecidos pela Copacol.

No gráfico 9, é possível ver a crescente evolução anual do volume exportado de 2000 até 2010 pela Copacol. Vale analisar os saltos ocorridos nos anos de 2003, 2005, 2008 e 2010.

O gráfico 10, ilustra o total de exportações por continentes de 2000 a 2010. Na Oceania, Europa, América do Sul e América Central a soma do volume exportado e a soma de dólares são praticamente as mesmas. No entanto, na Ásia, na América do Norte e na África, a soma do volumes de toneladas é maior que a soma de dólares, principalmente no continente africano, alegando que o poder de barganha com esse continente é menor.

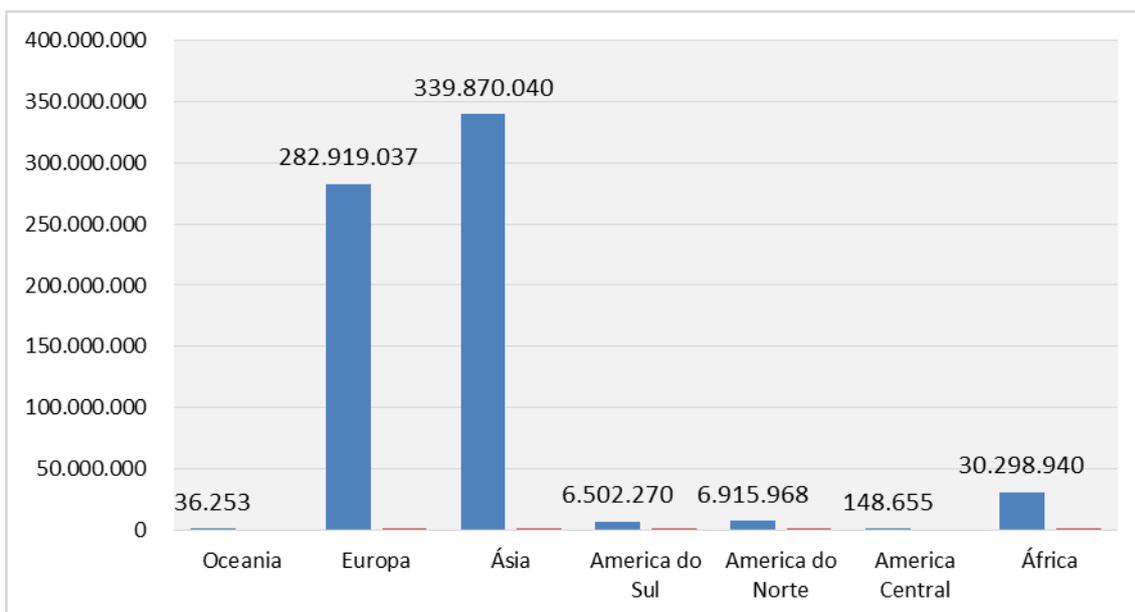
Gráfico 10: Volume e valor de exportações de carne de frango da Copacol por continente no período de 2000 à 2010.



Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados fornecidos pela Copacol.

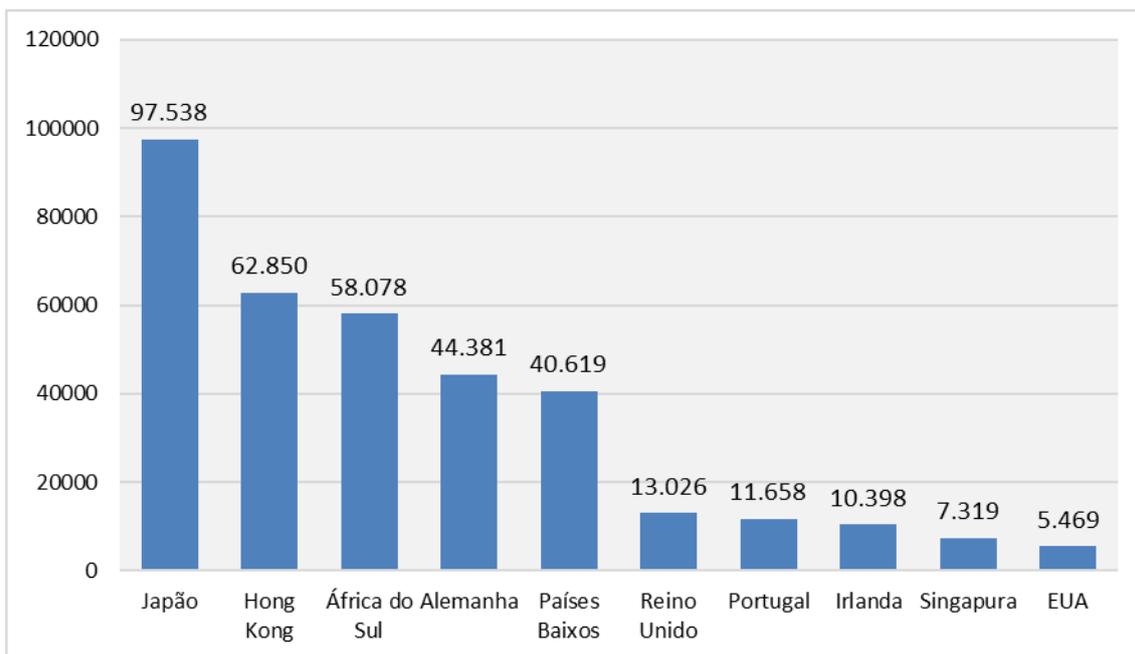
Ásia, Europa e África são os principais mercados das exportações da cooperativa. Durante 2000 a 2010 foram exportados 1.785.748.893 bilhão de toneladas somente para o continente asiático, faturando cerca de 339 milhões de dólares. Em seguida a Europa com um volume de 1.372.717.500 bilhão de toneladas exportadas de carne de frango, faturando 282.919.037 milhões de dólares. E em terceiro o continente africano com 584.353.284 milhões de toneladas e faturamento de 30.298.940 milhões de dólares. O gráfico 11 apresenta o valor total de exportações por continente no período de 2000 a 2010, Ásia e Europa dominam o número de exportações.

Gráfico 11: Valor total de exportações por continente no período de 2000 à 2010.



Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados fornecidos pela Copacol.

Gráfico 12: 10 maiores países em volume exportado no período de 2000 à 2010.



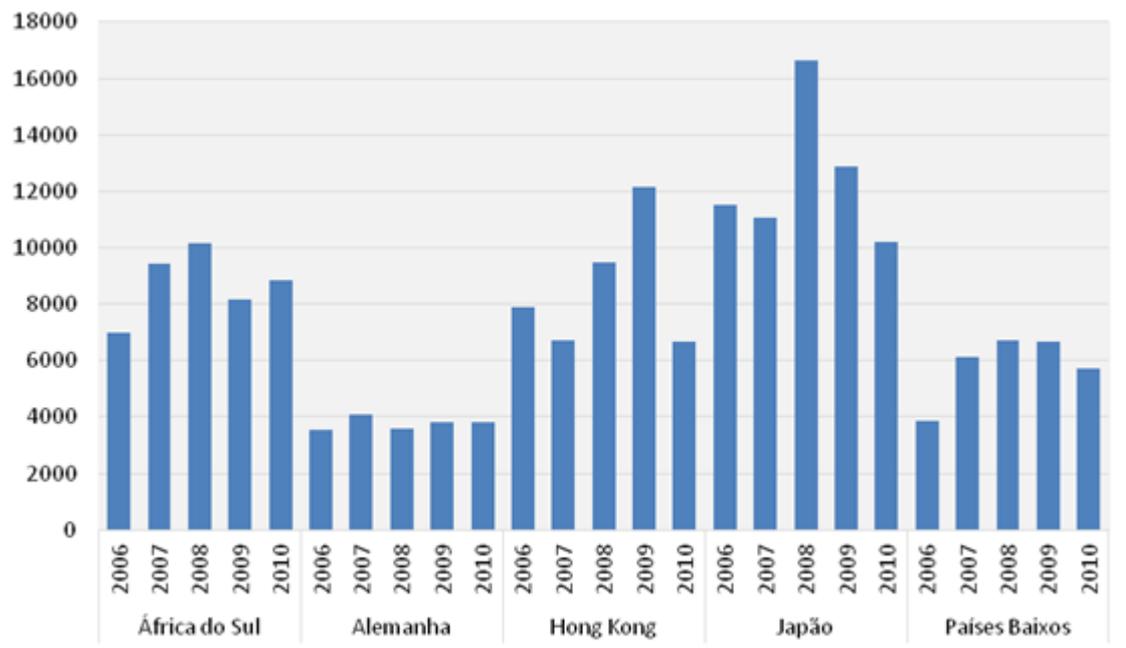
Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados fornecidos pela Copacol.

Dentre os maiores importadores de carne de frango Copacol, o Japão aparece como o principal destino, ao longo de 10 anos foram 9.753.830.902 bilhões de toneladas exportadas. Em segundo Hong Kong com um acumulado de 628.498.286 milhões de toneladas exportadas. Em terceiro com

580.776.494 milhões de toneladas exportadas para a África do Sul. Em quarto a Alemanha com 443.805.498 milhões de toneladas exportadas. Seguido pelos Países Baixos que exportaram 406.187.726 milhões de toneladas. Hoje a Copacol trabalha com clientes exclusivos nos países que possuem grande demanda, como Japão e China, garantindo uma eficiência maior na qualidade dos produtos e serviços ofertados.

De 2000 a 2010, dentre os cinco países mais representativos no volume de exportações da Copacol, o país que mais importou carne de frango foi o Japão com 32% do total, em seguida Hong Kong com 21%, dando à Ásia uma representatividade de 53% do total exportado. A África do Sul aparece em seguida com 19%, seguido da quarta colocada, a Alemanha com 15% e o quinto, os Países Baixos com 13%. No gráfico 13, é possível visualizar a representatividade dos cinco países que mais importaram da Copacol de 2006 a 2010.

Gráfico 13: Volume de exportações considerando os 5 países com maior representatividade no período de 2006 à 2010.



Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados fornecidos pela Copacol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O setor de commodities agrícolas vem contribuindo para o crescimento da economia através da política de substituição de importações desde o processo de industrialização no Brasil.

Os preços das commodities em alta induziram elevadas taxas de capitais estrangeiro e melhoraram as contas correntes dos balanços de pagamentos, garantindo assim uma acumulação de reservas em moeda estrangeira que atenuou o impacto da crise em meados de 2008 com políticas macroeconômicas. A desindustrialização sempre foi uma preocupação, mas no Brasil a combinação de exportações agrícolas, de minérios e de petróleo com políticas para enfrentar as consequências negativas da volatilidade nos preços das commodities foi essencial para o triunfo desse setor.

O boom das exportações de commodities no Brasil a partir de 2003 está diretamente relacionado à ótima fase externa que exigia uma grande demanda por esses produtos de baixo valor agregado, acarretando uma grande alteração em seus preços e evidenciando a capacidade exportadora e produtiva nacional, que geram vantagens comparativas com outros concorrentes.

O principal impacto na economia brasileira, derivado da alta dos preços das commodities entre 2004 e 2008, foi pelo canal fiscal. Com o avanço generalizado dos preços de commodities, foram gerados ganhos para diferentes agentes econômicos, que foram transmitidos para o resto da sociedade como forma de arrecadação e mais gastos do governo. Outro ponto positivo foi que na última crise financeira internacional, as economias dependentes de exportações de commodities, como a brasileira, se mantiveram dissociadas da realidade mundial, mantendo o ritmo de crescimento, enquanto os preços dos produtos primários se mantiveram elevados (UNCTAD, 2010).

As exportações de commodities tiveram efeitos importantes nas receitas fiscais, garantindo assim grande parte da arrecadação. Portanto, o aumento gerado a partir dos preços das commodities, impulsionou os preços de

exportações, aumentou o rendimento do exportador, gerou aumento das receitas fiscais do governo que ocasionou na expansão da demanda doméstica e crescimento econômico maior.

REFERÊNCIAS

- A GRANJA AVÍCOLA. Integração: segurança na crise. [S.l.], 1983.
- BACHA, E. O Futuro da Indústria no Brasil: Desindustrialização em Debate. Rio de Janeiro.: Civilização Brasileira, 2013.
- BALASSA, B. Trade Liberalization and “Revealed” Comparative Advantage. The Manchester School of Economic and Social Studies, 1965.
- BANCO MUNDIAL. Recursos Naturais na América Latina – Indo Além das Altas e Baixas, 2010.
- BLACK, C. Eventos Relacionados no Superciclo de Preços da Commodities no século XXI. Indic. Econ. FEE, Porto Alegre, vol. 40; n. 2, 2013.
- CABRAL, S. Encontro entre Brasil e China: Cooperação para o século Xxi. Revista Brasileira de Política Internacional. Vol. 43, n.1, 2000.
- CARVALHO, M. A.; SILVA, C. R. I. Vulnerabilidade do Comércio Agrícola Brasileiro. Revista Econômica Sociol. Rural. Vol. 43, 2005.
- CERVO, Amado Luiz. Relações Históricas entre o Brasil e a Itália: o Papel da Diplomacia. Edu. UNB. 2011
- COELHO, D. B. Novas reflexões sobre a internacionalização das empresas brasileiras. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.51, n. 4. Jul/Ago. 2011.
- FISHLOW, A; BACHA, E. Recent Commodity Price Boom and Latin American Growth: More than New Bottles for an Old Wine?, 2010.
- COSTA, A. Introdução à Nova Ordem Mundial. 2ª Edição. Editora Ecclesiae. 2015.
- HOBBSBAWM, Eric. A Era dos Extremos: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LOPES, J.E.P. Análise Econômica de Contratos de Integração Usados no Complexo Agroindustrial Avícola Brasileiro. Viçosa: 1992. 105 p. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) Universidade Federal de Viçosa, 1992.
- NYE, Jr. O Paradoxo do Poder Americano. UNESP:2002.
- ROCHA, A. V. F. BRITO, E. A. MASSARA, G. Análise do Perfil das Exportações de Serviços Brasileiros a partir da “Rodada Uruguai” do GATT. Bahia análise & Dados Salvador. Vol.13, n. 3, 2003.
- SCHERMA. M. A. O Banco Interamericano de Desenvolvimento e o Brasil (1959-2006). Unijui. 2010.
- SOUZA, N.A. Economia Brasileira e Contemporânea: de Getúlio a Lula. São Paulo: Atlas, 2008.
- TRICHES, D.; VOILÀ, M. A Cadeia de Carne de Frango: Uma Análise dos Mercados Brasileiro e Mundial de 2002 a 2010.
- UNCTAD. The Financial and economic crisis of 2008-2009 and developing countries. United Nations Conference on Trade and Development, 2010.
- VIGEVANI, Tullo; CEPALUNI, Gabriel. A Política Externa de Lula da Silva: a estratégia da autonomia pela diversificação. Contexto Internacional. Vol.29. Rio de Janeiro. 2007.

SITES CONSULTADOS

ABEF. Associação Brasileira dos Exportadores de Frango. Relatórios Anuais. Disponível em <http://www.abef.com.br/>

AVEWORLD. Portal a Avicultura Brasileira. Disponível em <http://www.aveworld.com.br/>

COPACOL. Cooperativa Agroindustrial Consolata. Relatório Anual. Disponível em <http://www.copacol.com.br/>

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Disponível em <https://www.embrapa.br/>

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/>

FAO. Food and Agriculture Organization of United Nations. FAOSTAT Database Collections. Disponível em <http://faostat.fao.org/site/291/default.aspx/>

MDIC. Ministério do Desenvolvimento da Indústria e do Comércio, (ALICE WEB). Disponível em <http://www.aliceweb.desenvolvimento.gov.br/>

MAPA. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Disponível em <http://www.agricultura.gov.br/>

OMC. Organização Mundial de Comércio. Disponível em [https:// www.wto.org](https://www.wto.org)

REVISTA COPACOL. Edição Maio/Junho 2015. Número 71.

SECRETARIA DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO. Disponível em <http://www.agricultura.pr.gov.br/>

SINDIAVIPAR. Sindicato e Associação dos Abatedouros e Produtores Avícolas do Paraná. Disponível em <http://www.sindiavipar.com.br/>

UBA. União Brasileira de Avicultura. Disponível em <http://www.uba.gov.br/>

USDA. United States Department of Agriculture. Disponível em <http://www.usda.gov/wps/portal/usda/usdahome>